

# ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL  
Empreza do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves  
EDITOR

# PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida  
com o endereço *ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA*—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 11 DE JANEIRO DE 1904

NUMERO 10



(PHOTOG. FERREIROS)

EDUARDO SCHWALBACH LÜCCI, AUCTOR DA PEÇA A «CRUZ DA ESMOLA», QUE SURIU À SCENA EM 8 DE JANEIRO NO THEATRO D. AMELIA

# CHRONICA

## Crianças . . crianças . .

Aquelles pequeninos mimosos, innocentes e pobres que no dia de Reis, como uma bandada d'aves, se reúnem no jardim d'inverno do D. Amélia, são os que não têm sapatos para collocar junto da lazeira na noite santa em que a fada loura vem deixar brinquedos ás crianças.

Eram muitos e todos andavam alegres, n'uma alegria louca e que fazia bem. Que grande conforto para as almas os risos d'elles, d'esses filhos dos pobres que também tiveram a sua festassinha.

Aos ranchos, os cabellos espessos, os olhos brilhantes, agitando os seus brinquedos elles chulravam como pardais n'um cirado farto e mostravam uns aos outros o que lhes coubera em sorte:

— Olha esta espingarda! Olha a boneca . . Que linda!

E elles, todos elles, os pequeninos, deserto têm sonhado com todas as maravilhas que n'esse dia lhes demam, com os tambores, com os pifelhinhos, com as bonecas louras vestidinhas do côr de rosa e com Nosso Senhor glorioso e fofinho de luz, boudoso e pae de misericordia que fez os anjos e fez as estrellas, que fez o bem e deu aos corações a ternura e que formou as almas delicadas todas de carinhão para os pequeninos filhos dos proletarios nos quaes deram consolo offerecendo-lhes essas brinquedos vindos d'outros para elles!

Havia no meio d'aquella algazarra um pequeno pallido de grandes olhos, muito sorridente, que ria-lava desesperadamente n'um tambor, os outros andavam em volta d'elle, ruidosos e com ferro de não terem tambem tambores assim.

Um amigo meu observava-o e sorria:

— Vê tu . . Nada os contenta! Crianças . . Crianças . .

E não se lembrava elle que coisa alguma contenta mesmo os homens, esses animas que passam a vida a desejar para aborrecer, que passam as horas a querer para repellir, a amar para odiar.

— Crianças . . Eternas crianças!

Como uma criança elle ria tambem diante das manieiras d'elles, d'aquella vida de pequeninos que feligavam e não se satisfaziam por completo.

E as mães . . Oh! as mães . . O que havia nos seus olhos!

N'um canto, uma mulhersinha vestida de luto guardava contra o peito a filhinha, uma moreninha muito doce, muito linda. Quando a chamaram levou-a pela mão; ia com os labios cerrados, amargurada. Uma das actrizes estendeu para a criança uma boneca e deu-lhe um beijo. A pequenita soltou um grito alegre, bradou:

— O mãe! O minha mãesinha, que bonita!

Então essa mulher, severamente vestida de negro, de labios cerrados e modos tristes, sorriu, abraçou a filha e disse a meia voz, n'um soluço, para a gentil rapariga que entregara o brinquedo a pequenita:

— Deus lhe pague, minha senhora . . Deus lhe pague!

E foi para o recanto a rir e a chorar, muito direita, muito commovida, com a filha pela mão e vestida de luto.

Lá ficaram ambas, a mãe a beijar a filha, e eu abela tenho na retina a pequenita muito morena a beijar por sua vez a boneca de cabellos d'ouro, que fechava os seus olhos de contas nas suas papillas de biscuit.

Enquanto as crianças se deliciavam com os brinquedos da caridade, os homens faziam prodigios pelo bolo rei.

O bolo rei é um symbolo como as bróas. Para muitos elle é um pouco de dinheiro, para outros o olhar d'uma mulher, para muitos a morte das sogras e para a maioria um emprego publico.

Com o feitiço supersticioso dos libeotas, a distribuição do bolo rei á mesa de familia é uma coisa solemne; faz-se entre gritos, entre berros, entre lagrimas e entre proros:

— Ah! Lá se me foi o emprego . . Já sei que não apanho nada!

— Ora . . isso são cousas — consolam outros, consolando-se tambem.

— Qual! Se não me calhou a fava!

De forma que a cidade tem na semana um unico desejo:

Receber a fava como pronuncio de fartas felicidades, de matoras ruções.

Homens e crianças tiveram, pois, os seus desgostos e as suas alegrias. Mesmo os condemnados são eguaes aos garotos que desejavam o tambor do companheiro n'aquella festassinha encantadora . .

ROCHA MARTINS.



O CORONEL SOUZA MACHADO, COMANDANTE DO REGIMENTO



O TENENTE-CORONEL JAYNE DE SOUZA MARQUÊS



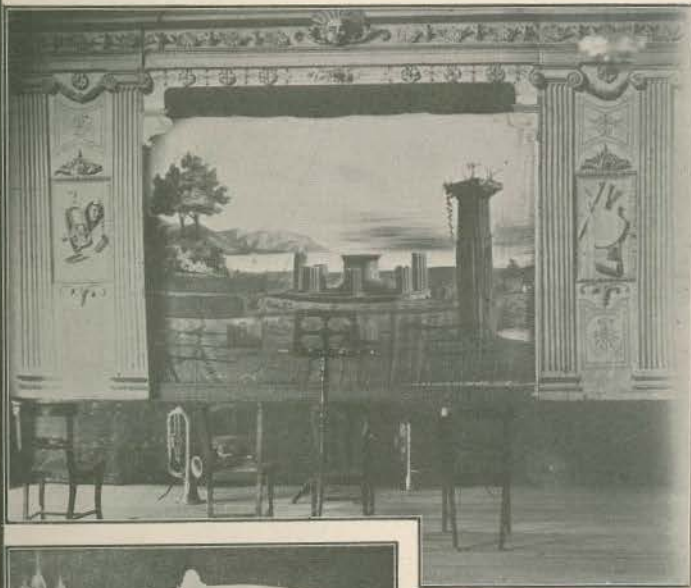
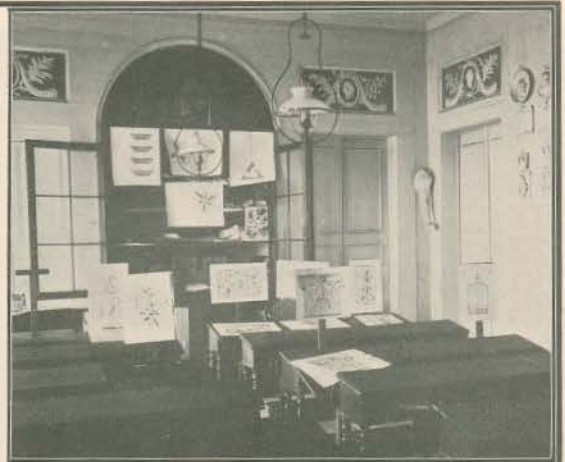
A SALA DOS SAPOADORES



A PARADA DO QUARTEL  
A BENÇÃO DA BANDEIRA NO QUARTEL DE INFANTARIA N.º 1

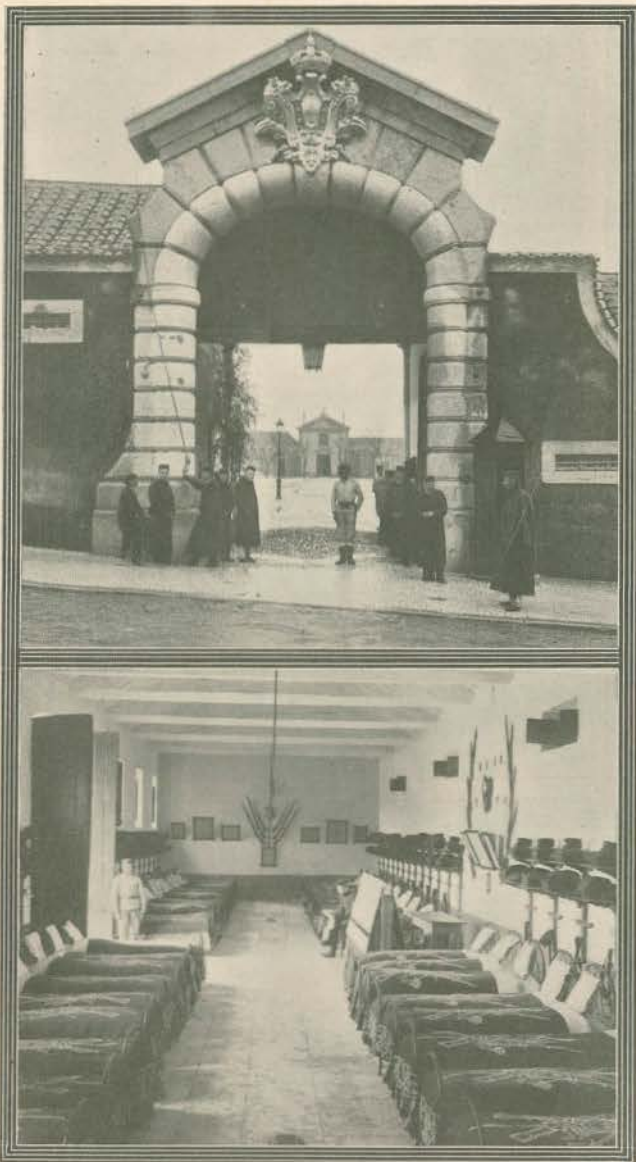


OUTRO LADO DA PARADA



AS OFFICINAS DE S. JOSÉ

A OFFICINA DE ALPAIATE—A AULA DE DESENHO—O THEATRO DOS ALUNOS—A OFFICINA DE SAPATEIRO—A CALPELA—A CASA DOS ENSAIOS DE MUSICA



O PORTÃO DAS ARMAS—A CASERNA DO 1.º BATALHÃO  
O REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 1



A DISTRIBUIÇÃO DE BRINQUEDOS ÀS CRIANÇAS, EM DIA DE REIS,  
NO JARDIM DE INVERNO DO THEATRO D. AMELIA



A BENÇÃO DA BANDEIRA DO REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 1, QUE SE EFFECTUOU NA EGREJA DA BOA-HORA EM 3 DE JANEIRO

# COSTUMES LISBOETAS

O Senhor dos Passos da Graça

(PROSA D'UMA LENDA)



Nel que foi ha muitos annos, ha mesmo seculos, por uma noite escura e de geada, em fevereiro, em sexta feira, dia de jejum e d'agolhos, oue um romeiro curvado, sem manta e com fome, sem carinhos e com febre, d'olhos resignados, os pés mortidos pelos calhaus dos caminhos, a longa cabelleira molhada da chuva, n'uma lastima e n'uma esperanca, subiu a esgalgada encosta da Graça e parou sem alento á porta do convento que do topo do morro, adentro das muralhas, claro e forte com os seus sinos e com a sua cruz, dominava a cidade

apa gada e de silencio.

Aquelle velhinho de barba cor d'estrigo e de rosto sagrado vinha do outro lado de Lisboa, das bandas do cirenito panteo dos muros, vinha do alto da Trindade fronteira da Graça, fora das portadas, tambem n'um morro e tambem com o seu convento, a meio das terras de semeadura e dos verdes olivados foroiros á gente do Jesus, senhora do mosteiro de S. Roque.



O romeiro puxara a corda da sineta na casa dos jesuitas, que se conservara cerrada, tornara a puxal-la, já exaustão e com a idéa em Deus, mas um boizo gordo, bem abafado e grave, negaralhe o posto e fechara-lho a porta. Então, cheio de fome e cheio de perdo, com uma lagrima e com uma sombra vaga nos seus olhos resignados, atravessara as ruas sem luz e sem ondas, passara ronto aos solares, ouvira vozes namoradas no mysterio dos balcões e ouvira cães ladrando na defeza dos hortijos. Assim, sob a chuva, de dentes apertados, roído de fome e de desalento, fôra-se pelas vielas e sentira tirar ferros em brigas, vira fugir cadeirinhas leutas e mencias como sombras, escutara alandós acompanhando trovas nos terrenos do Valverde, rocar-se hombro a hombro com vultos enbuçados de ares fidalgos e esporas das rosetas; topara o egoismo por toda a banda, o amor no esconderijo das gelosias, o odio nos campos rasos e subira por fim o caminho lgreime e barrento até á collina onde pousa o convento da Graça, que en visitei na penultima sexta feira, dia de sol pallido e de Anno Novo.

Por causa de um velhinho triste e compungido, sem abrigo e cego, recordei a lenda doce do romeiro, que tem a sua prosa triste.

O mendigo estava na ala suja e esfarrapada das mulheres e das crianças, dos desgraçados que de mãos estendidas lamurinhavam:

—Uma esmolinha, uma esmolinha, meu rico bemfeitor.

Paravam trens á portaria, perfis femininos, doces e milmosos, appareciam, brilhavam arceiros no lampejo do sol, rumorejava uma fiada de fôis á entrada do templo e homens d'opas desbotadas faziam côro com os pobros espetando bandejas:

—Esmola para o Santissimo... Esmola para Santa Rita

Entrou na onda e ficou cá para traz, olhando a massa ajoelhada, vendo as frentes inclinadas aos pares, ás filhas, cabeças de mulhoeres destacadas, com chapens caros,

emplumados, com fivelas com fitas, todas devotas n'uma atmosfera d'incenso, n'um rumor de preces diante das imagens.

Um Senhor morto estendia-se no esquite e era beijado humildemente pelos crentes que enfiavam as cabeças n'umas aberturas e depunham o seu osculo nos pés corroidos, sangrentos, pés d'obreiro curvidos pela cal, que a imagem deixava ver mal cobertos n'um ven de cassa.

Em roda havia mais santos, muitos santinhos de olhos parados com uns cofres mal pintados na frente: estavam all como na loja d'um santeiro, sem expressão e entre palmas verdes, sendo os cortezãos e a guarda da grande imagem do Senhor dos Passos, serena, soffredora esmagada sob o seu maldito, com a face cheia de sangue e com o corpo amortalhado na tunica roxa.



Recordava-me sempre do romeiro velhinho de barbas alvas que n'essa sexta feira, desolado e com fome, batera á porta dos gracinhas a contarlhes como os jositas lhe tinham negado posto.

Vino, com o seu rosto melancolico e de decora com lagrimas nos olhos e com os cabellos molhados da chuva, a ser repellido da portaria da casa de Jesus e a subir depois a escalayrada encosta para entrar no mosteiro a gerar uma historia e a reponnar. Fora all n'aquella igreja da Graça, entre um pobre conventuelo, que o peregrino passara a noite, a noite de tormento.

ctinosas e encarquilhadas, que se babavam de devoção, e eram mulhoersinhas novas, vestidas de seda, morenas, de olhos vivos, sensuaes e mysticos, que oravam; e oram larguezinhas languidas que se curvavam submissas; e tambem fêmeas do povo que deixavam cahir vintus na bandeja, muito envergoadas e muito constrictas. Formava-se no recinto da igreja, em face do Senhor morto, um cirenito extranho do velhas e do novas, de en-

E a lenda cantava dentro em mim, n'uma evocação suave de cousas coctivas, de rolleiros d'ouro, de appareções, d'anjos do grandes azas voando n'um cou azul: entrova a cella que os frades tinham dado ao romeiro pobre, o cantinho cauido e fresco, no qual elle reponnara, onde lhe tinham servido a sopa hospitaleira e onde novicos d'olhos ternos e cabellos louros lhe tinham lavado os pés cortados pelos calhaus do caminho, enquanto o sino tocava para a oração da manhã e no côro o orgão despejava ondas sonoras eochantadas na igreja, n'um fremito religioso e poetico. Parcela-me ver o velhinho de barbas alvas com a cara do mendigo que lamurava na portaria.

De quando em quando ouvia cahir moedas nas caixas, ouvia suspiros, entrova mulheres de todas as classes subindo a escada do camarim onde o Senhor dos Passos offerece o seu bento pé-côr de porcelana, tinto de sangue, aos belhos devotos: e eram volhotas de preto, un-



beças coifadas em lenços, engalanadas em chapéus de espavento; e, na minha retaguarda, um homem simiesco, jungido n'um habito de lustrina, a barbicha rala, os olhos pequeninos como pontinhos de tinta, estava sentado em face da banca sobre a qual se acstavam uns santos n'um europadão. Não fallava, aceitava as esmolas com um olhar gáudio e sorria a reboxar os maxilares.

No calor do templo, n'aquelle chetro de incenso e de pó de arroz, diante das imagens, em face das velas que ardião com as suas chaminas muito directas, julguei vêr o velhinho a partir da hospitaleira casa, n'um ponto, mysterioso e divino a evolar-se, a perder-se no espaço, a tomar n'uma forma etheresa, diaphana, ir para as regiões da luz, ao passo que a communitade dormia.

Parecia velo a transfigurarse, a perder as rugas da face, a crear nos olhos n'uma luz diamantina e na cabeça n'uma aureola, parecia velo a mostrar-se muito pelo lado divino, já sem n'uma amargura, com ternura nos labios, no sorriso, no ter encontrado o bem.

E no mesmo tempo que elle tomava o caminho das regiões da paz, a cella do convento era inundada d'uma luz tão radiosa como jamais se viu outra, deslumbrante n'uma claridade

extranha, de gloria e de triumpho; e n'uma imagem, que era a forma terrena do Redemptor, ficava a meio d'esse quarto, curvada sob o madeiro, a recordar aos homens que elle muito soffrera e muito sabia perdoar.

Porque o velhinho, segundo a lenda, era o proprio Senhor, que viera á terra a vêr o bem e o mal, nostalgico da agitada vida dos homens; era elle que, desceza do ceu, onde tudo é harmonia e doçura, azul e ouro, claro e diamantino, mas onde a existencia é uniforme, á força de santidade.

O convento era pobre, muito pobre, tinha um pouco de hercia e um triste cruzeiro. Não viviam lá fidalgos, nem gente de terras, apenas alguns desgraçados fugidos ao mundo se occultavam alem do ermitorio que tinha n'uma cidade aos pés e da qual chegavam os raios da vida como n'uma tortura, nos dias claros da primavera, quando a gente da corte dava saras ou ia para a Ribeira, quando a nobreza sahia nos seus coches pesados para as missas em S. Vicente de Fóra, quando nos palacios das Escolas Górgas, d'Alcaçova e de perto d'Aparde S. Martinho se festejavam annos de morgados ou investiduras de cavalleiros.

E o inverno lá em cima, no descampado, no ermo, era bravo; os frades passavam privações de lenha e iam a molar pelas portarias dos nobres; vestiam maná lúnel e não usavam sandalias, fujavam e rezavam, os pobres que recolhiam o peregrino curviam as alegrias da cidade em festa e o seu orgão só tocava melopéas, recusavam a vida, recusavam a ambição, não queriam poder como os dominicanos, nem sciencia como os jesuitas, nem riquezas como os monges d'Alcobaca. Só amavam a graça de Deus, só a ella queriam esses frades que recolhiam em sexta feira o peregrino que era Nosso Senhor e que deixara o convento onde lhe deram pouso n'uma manhã luminosa.

Agora ali, n'aquelle mesmo sitio, passavam as milhares tocadas pela lenda, vinham muito gentis com as suas joias e com os seus vestidos roçagatos, tremulas de fé, na ansia d'um perdão ou d'um milagre, vinham todas coñictas como outr'ora as fidalgas tinham accedido á Graça ao saberem do milagre do romeiro.

Porque os bons frades quando bateram á porta da cella n'essa manhã, em que n'uma aurora de luz o peregrino deixara o ermitorio, ficaram pasmados ao verem a meio do quarto essa imagem, soffredora e linda de Senhor dos Passos com o seu madeiro e com o seu habito roxo; então prostraram-se, beijaram as lagas, ficaram em oração.

Assim de rastos, n'um agradecimento, derramando lagrimas, elles apertaram mais os ciliçios ás carnes, esgruieram as vistas turbadas para o ceu e d'ahi por diante todos os pobres que bateram á portaria foram recolhidos como o velhinho romeiro de barbas alvas e sem n'um esfomeado.

Os sinos tocaram e nas suas vozes foi o annuncio do milagre. Vieram os frades e vieram as dadivas, chorou-se diante da imagem, a nobreza accorreu a casa dos bons frades e o convento prosperou.

Alisaram-se os ritos na ordem, lovaram-lhe os seus bens, de joelhos as mulheres foram orar á imagem santa que lá se mostra ainda hoje como um padre do bem, como n'uma recompensa, como um symbolo da esmola que se deve dar. Foi, pois, assim que o convento engrandecera e se tornou fallado, segundo reza a lenda.

Mas chegaram com as prosperidades as invejas e os filigios da Companhia de Jesus e como o romeiro, do alhos resignados e barba alva, primeiro batera á porta de S. Roque, onde lhe negaram pouso, todos os annos a doce imagem vai de visita á velha casa jesuita, entre frades, com um troço de tropa e com um cortejo de sacerdotes. Todos os annos em fevereiro e em quinta feira Elle vai residir n'uma noite em S. Roque, dormir n'um altar, sem n'um prolesto e chetro de bondade, hospitallando ali n'um sabido na dia seguinte para lhe tomar o seu logar no fim do dia egreja, lá na Graça, onde tom o altar e as luzes, onde encontra os labios das devotas a beijarem-lhe o pé sa-



grado e outr'ora rasgado como o d'um miser camelinho d'agora, d'esses que muitas vezes batem ás portas onde lhes negam a dormida.

Da entrada do templo vinha sempre o borborinho das vozes, entrava e sahia gente, a ala dos homens de opas mendigava, os pobres lá fóra da porta supplicavam:

— Uma esmolinha . . . uma esmolinha, meu rico benefeitor.

— Esmola para o Santissimo . . . Esmola para o Santissimo . . .

Olhei ainda aquella grande e soberba imagem do bello Senhor dos Passos, que tem o madeiro a esmagal-o e o altar doce do peregrino, olhei os frades, olhei o homem de rosto simiesco que recolhía as esmoladas e que sorria alvarmente.

Cá fóra o sol desaparecia, acendiam-se luzes, a cidade cobria-se no crepusculo e o velho cego e esfarrapado, estendendo a mão, tremula e deformada, pedia:

— Uma esmola . . . uma esmola . . .

Passavam os frades, as senhoras lindas, as mulheres do povo, as burguezinhas, todas passavam com as imagens nos

seios, consoladas e cheias da fé que salva. Os homens das opas lúmel tinham:

— Esmola . . . esmola para o Santissimo . . .

E enfiavam os pobres, os mendigos, as creanças, o velho cego e esfarrapado, recebendo as ofertas e ugando aos pobres o pão por essa sexta feira, dia de Anno

Novo e dia de agnosces. Aquelle velhinho cego recordou-me muito o peregrino que pedira pouso, nos frades graciosos, recordou-me com as suas barbas alvas e com o seu rosto resignado, lembrou-me um Deus de olhos cerrados, todo perdão e toda bondade, que não quizesse vêr os peccados dos mortos e os homens de opas debotadas que enxotam os pobres da portaria da egreja e lamuriam auctuosos:

— Esmola para o Santissimo . . . esmola para o Santissimo . . .

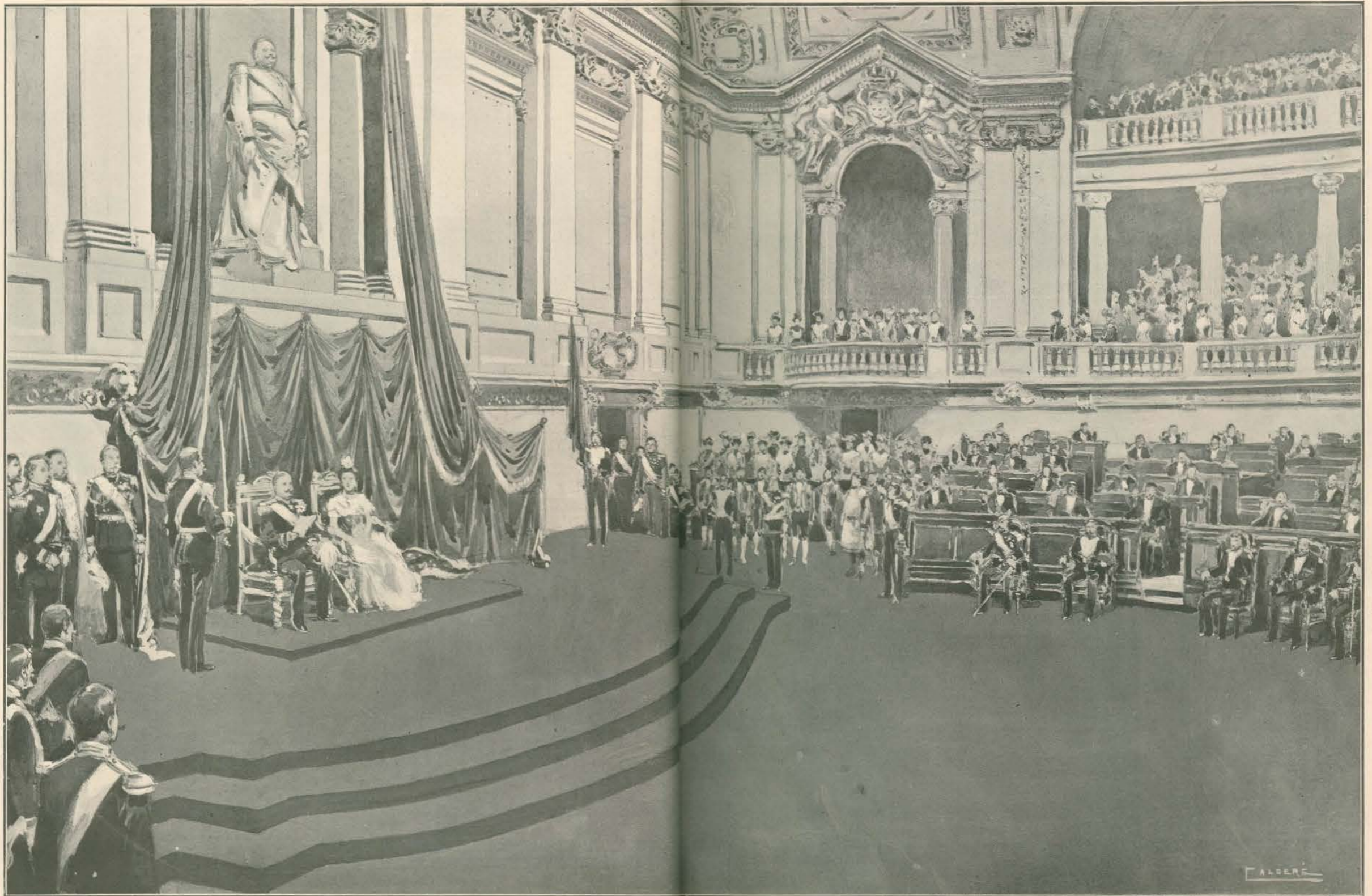
Pouco a pouco enchia-se a caixa da portaria, sobre a qual, n'um symbolo, pousava o casquete sobento de um polleia que ajudava a afastar os mendigos, os desgraçados, n'essa tarde em que o velhinho cego me lembrou muito o romeiro da lenda no crepusculo e no frio, alem na Graça gloriosa e dominadora da cidade do peccado e do mal, onde Jesus não encontrou o abrigo n'uma collina e n'outra achou o bem, o pouso, o pão, como aquelle pobre cego escuraçado que deve ir bater agora á porta de S. Roque.

Talvez que ali, junto á velha egreja, na Misericordia, feita para os doentes, para os abandonados, para os que soffrem, achu o conforto e achu o carinho, um pedaço de pão e um asylo, o pobre cego.

E assim que bella lenda se formaria . . . A lenda da miseria ao cabo de seculos, acolhida na collina da qual repelliram Jesus, doce romeiro, do olhos resignados e de pés rasgados pelas pedras arastadas dos caminhos, Jesus que pagou o mal com o bem, divino apostofo cuja obra fructificou, porque soube ser coherente com ella até ao sacrificio, o bom Jesus feito velhinho das lendas e que da misericordia, cujas feridas saugraram e cuja alma foi toda luz, foi toda amor.

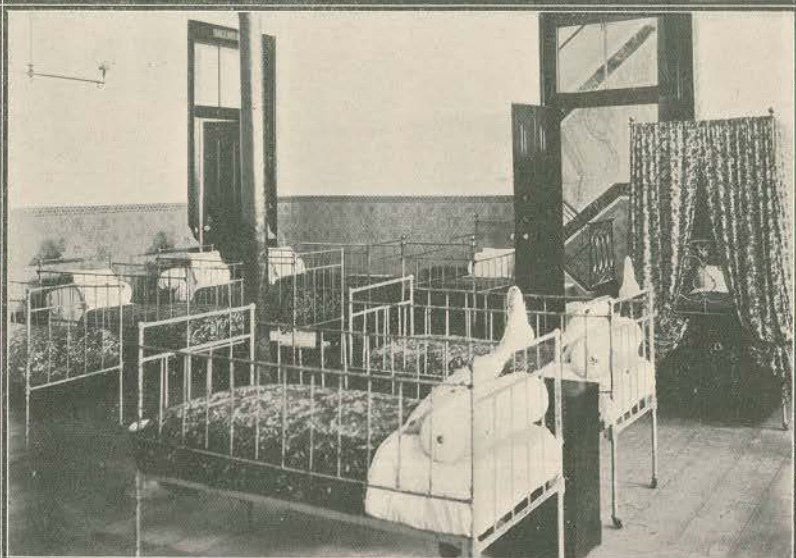
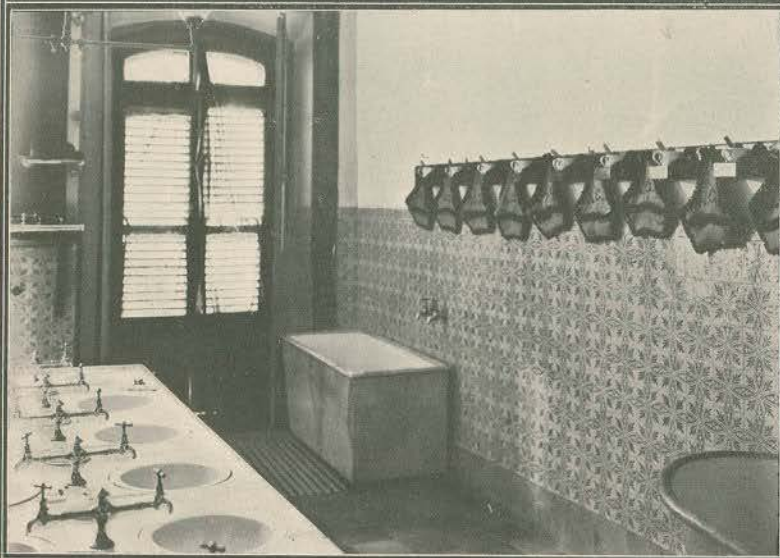
ROCHA MARTINS.



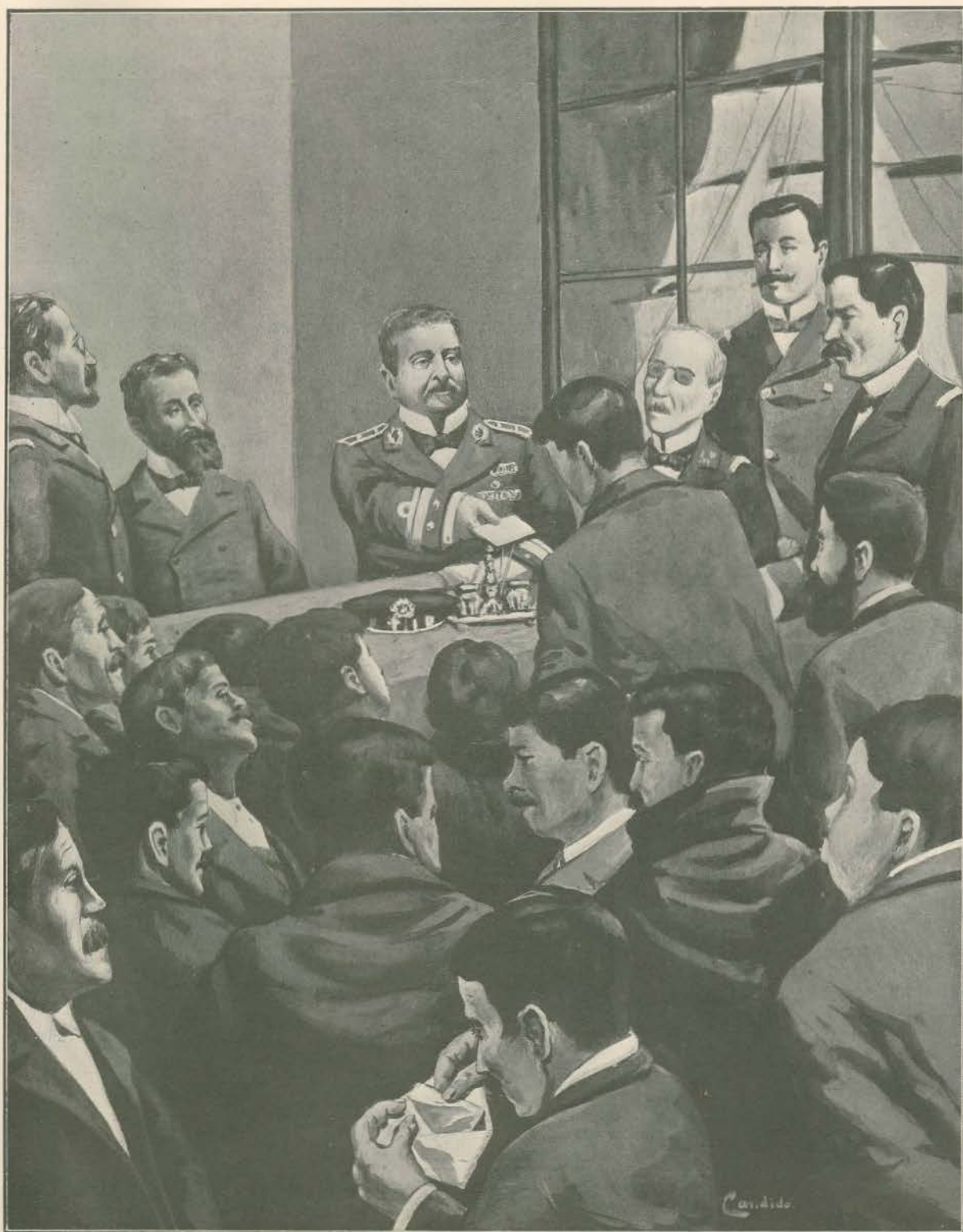


A ABERTURA DO PARLAMENTO EM 2 DE JANEIRO DE 1904. O REI LENDO O DISCURSO DA COROA





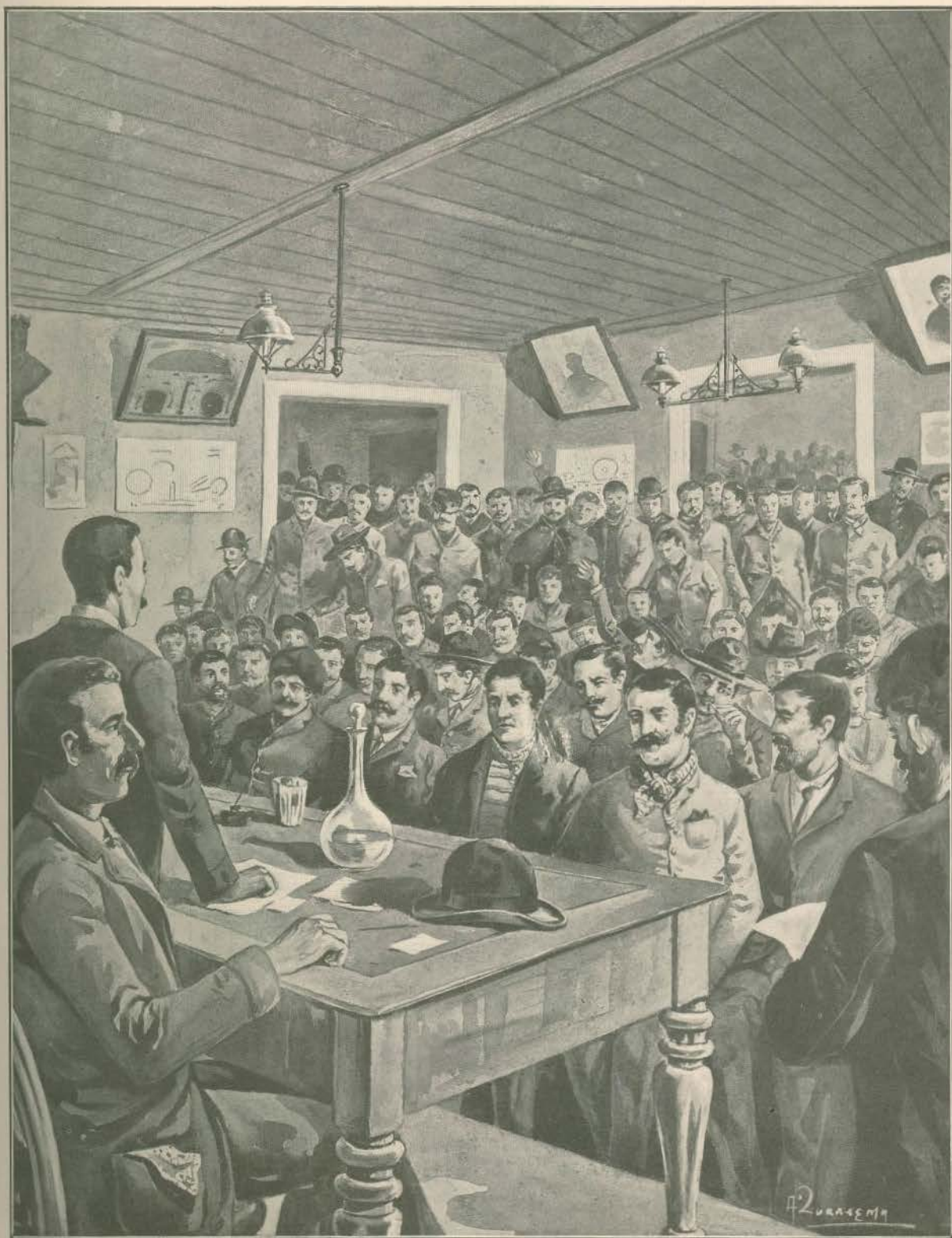
O ALBERGUE DAS CRIANÇAS ABANDONADAS: UM GRUPO D'ALBERGADOS — A SALA DO CONSELHO — A CASA DO BANHO — UMA CAMARATA



A DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS MARIA PIA AOS OPERARIOS DO ARSENAL DA MARINHA, EM 31 DE DEZEMBRO



A ABERTURA DO PARLAMENTO: S. A. O SENHOR INFANTE D. AFONSO AGUARDANDO A CHEGADA DE SS. MM. NO ATRIO DO EDIFÍCIO



UMA REUNIÃO DOS OPERARIOS GREVISTAS DA EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

## OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN,

TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Ora, Smyrna devia ser fiel até á morte, foram estas as formaes palavras. Ella não manteve a sua fé, mas os peregrinos que lá vão parar consideram que ella se aproximou bastante para o merecer, e é por isso que citam o facto de Smyrna hoje trazer a sua coroa de vida, ser uma grande cidade, com muito commercio e muita actividade, ao passo que as cidades em que se estabeleceram as outras seis igrejas, e ás quaes não foi prometida nenhuma coroa de vida, desapareceram da superficie da terra. De maneira que Smyrna observada de um ponto de vista commercial possui



ALDERE

anda na realidade a sua coroa de vida. A sua carreira, durante dezoito seculos, teve muitos contratempos, e ella foi governada por principes de diversas crenças, sem, contudo, ter havido alguma epocha durante esse tempo, que nós sabemos te ainda nas epochas em que era de todo deshabitada, em que estivesse sem a sua pequena comunidade de christãos «fiéis até á morte». Essa foi a unica igreja contra a qual nenhuma ameaça estavam implicitas nos Livros Santos, e a unica que sobreviveu.

Com Epheso, distante d'aqui quarenta milhas, onde estava estabelecida outra das sete igrejas, succedem diversamente. O «candieiro» foi removido de Epheso, e a sua luz apagada. Os peregrinos sempre propensos a encontrar prophcias na Biblia, e muitas vezes onde nenhuma existe, falam com alegria e complacencia da triste e arruinada Epheso como victima da prophcia. E, todavia, lá não ha nenhum conceito que prometta, sem devida qualificação, a destruição da cidade. O texto diz:

«Jembra-te, pois, d'onde cahiste; e arrepende-te o faço as primeiras obras; e se não, venho a ti e moverei o teu candieiro do seu lugar, se não fizeres penitencia.»

(Apocalypse, II, 5.)

Nada mais; os outros versuculos são propriamente commentos a Epheso. A ameaça está pronunciada. Não ha historia que mostre que ella não se arrependeu. Mas o habito mais cruel que tem os modernos sabios em prophcias é o de fria e arbitrariamente enfiarem a camisa

prophetica em quem a não mereço. E fazem-no sem quê nem para quê. Ambos os casos que acabo de mencionar são exemplos do que digo. Essas «prophcias» são distinctamente applicadas ás «igrejas de Epheso, Smyrna, etc., e, todavia, os peregrinos invariablymente as referem ás «cidades», em vez de ser ás igrejas. Nenhuma coroa de vida é prometida á cidade de Smyrna e ao seu commercio, mas ao grupo de christãos que constituem a sua «igreja». Se foram «fiéis até á morte» tem agora a sua coroa — mas nenhuma dose de fidelidade e de subtileza legal combinadas poderiam arrastar a cidade a quinhonar dias promessas da prophcia. A linguagem majestosa da Biblia é allusiva a uma coroa de vida, cujo fulgor reflectirá a luminosa radiação dos infinitos seculos da eternidade; não a ephemera existencia de uma cidade edificada pelas mãos dos homens, que ha de volver ao pó com os constructores, e ser esquecida até na simples porção de seculos concedida ao proprio mundo solido entre o seu berço e o seu túmulo.

A moda de extrahir commentos de prophcia onde ella consiste de simples «sees» roga pelo absurdo. Supponde que d'aqui a mil annos um pantano com emanções pestiferas substitua o porto baixo de Smyrna, ou que alguma outra cousa mata a cidade; e supponde tambem que, n'esse mesmo tempo, o pantano, que cheguo e afamado porto de Epheso e torcion a sua antiga situação um lugar mortifero e inhabitavel actualmente, se converte em terra firme e saudavel; supponde que se segua a consequencia natural, a saber: que Smyrna se torna em uma ruina melancolica e Epheso se resedifica. Que diriam os sabios em prophcias? Saltariam friamente

te por sobre a nossa cidade do mundo e diriam: «Smyrna não foi fiel até á morte, e por isso não teve a sua coroa de vida; Epheso arrependeu-se, e, véde! o seu candieiro não foi removido. Notaos estes testemunhos! Quão admiravel é a prophcia!»

Smyrna foi completamente destruida seis vezes. Se a sua coroa de vida fosse uma aplice de seguro, teria occasião de apurar n'ella a primeira vez que succumbiu. Mas ella tem-na no soffimento e por uma lisonjeira construcção de linguagem que não se refere a ella. Contudo, por seis vezes diferentes, creio que algum infatigado entusiasta de prophcias se confundiu e disse com infinito desprazer de Smyrna e dos smyrnitas: «Em verdade, aqui está um assombroso cumprimento de prophcia! Smyrna não foi fiel até á morte e notaos que a sua coroa de vida lhe desapareceu da cabeça. Veramente, estas cousas são espantosas!»

Ora, isso tem uma influencia má. Provoca os homens mandados a entabolar uma conversação ligeira relativamente a assumptos sagrados. Os fastidiosos commentadores da Biblia e os pregoeiros e professores estupidos fazem mór danno á religião do que aquelle contra o qual podem combater os clerigos de espirito penetrante e frio, trabalhando quanto podem. Não é de bom siso collocar uma coroa de vida n'uma cidade que foi destruida seis vezes. Ess'outra classe de pedantes, que entreteem a prophcia de maneira tal que a fazem prometter a destruição e assolação da mesma cidade, raciocinam igualmente mal, pois que a cidade, infelizmente para elles, se acha agora em estado muito florescente. Estas cousas põem argumentos na boca da infidelidade.

Uma parte da cidade é bem exclusivamente turca; os judeus tem um bairro seu; os franceses outro bairro, e outro também os armênios. Estes, já se vê, são christãos. As suas casas são grandes, limpas, arejadas, com o pavimento lindamente coberto de quadrados de mármore preto e branco, e no centro de muitas d'ellas ha um pateo quadrado com um jardim luxuriante de flores, e uma brilhante fonte; e para elle dão as portas de todos os aposentos. N'uma sala muito espaçosa está a porta da rua, e ali é que as mulheres estão a maior parte do dia. Pela fresca do cair da tarde vestem os seus melhores trajos e vão para a porta da rua. São todas dotadas de aspecto affavel, e excessivamente limpas e asseadas; não pareço senão que saltaram do uma caixa de amostras de filas. Algumas das jovens damas — muitas d'ellas, atrevido me a dizem, são até muito bellas — tem em geral melhor sombra que as raparigas americanas — palavras traçoceiras, que peço sejam esquecidas. São muito dadas, e, quando um estrangeiro se sorri para ellas, correspondem com um sorriso, inclinam-se para elle, quando as cumprimenta, e, se lhes dirige a palavra, respondem ao que se lhes diz. Não é necessaria apresentação nenhuma. Obtem-se facilmente, e é muito agradável, o cavaco de uma hora á porta com uma bonita rapariga que nunca se tinha visto. Isso passo por mim. Eu só podia falar inglez, e a rapariga não sabia senão grego ou armênio, ou outro que tal idioma barbaro, mas fêmo-nos muito bem. Quer-me parecer que em casos semelhantes o facto de não vos poderdes comprehender um ao outro, não deve ser luyido por contrahito. N'aquella cidade russa de Yalta dancei uma esportosa especie de dança por espaço de uma hora, dançando em que nunca antes ouvira falar, com uma linda rapariga; conversámos incessantemente, rimos até mais não poder ser, e nenhum de nós soube jámais o que era que dizia o outro. Mas foi esplendido. Havia vinte pessoas n'aquella dança, que era muito animada e complicada. Bastante complicada sem mim — commigo ainda o era mais. De quando em quando, lançava-me n'uma marca imprevista, que nos surprehondia a todos. Nunca, porém, deixei de pensar n'aquella rapariga. Tenho-lhe escripto, mas não posso endereçar a missiva, porque o nome d'ella é uma d'essas especialidades russas de nove articulações, e na verdade o nosso alphabeto não tem letras que bastem para a cabal expressão d'elle. Não sou tão desqualificado que tente preferilo quando vstos acordado, mas em sonhos danchei um safão. Um safão em meo da boca, prendesse-me na lingua. Então escrevi a maxilla sobre a outra, e expelle um par das derradeiras syllabas — que raiem bem.

As atravessarmos os Dardanellos avistámos em terra com os olhos caravanas de camellos, mas nunca estivemos junto de uma antes de chegarmos a Smyrna. Estes camellos são muito maiores do que os especimenes enfeitados que se vêem no jardim zoologico. Caminhavam por essas ruas fora, a um do fundo d'ella n'uma caravata, com pozados fardos as costas, precedidos de um negro do aspecto phantastico, vestido á turca, ou de um arabe, montados n'um burro, completamente eclipsados e reduzidos a uma coisa insignificante por aquelles imensos animaes. Vêr uma caravana de camellos carregados com as especiarias da Arabia e os raros productos da Persia, avançando pelas ruas estreitas do bazar, entre carregadores com os seus fardos, camélias, traficantes de caudilhos; Almuclares que negociam em obras de vidro, corpulentos turcos de pernas encruzadas fumando pelo famoso cherguillé; e os magotes do povo corrente de uma banda para a outra nos magníficos trajos orientaes, é uma genuína revelação do Oriente. Não falta nada ao quadro. Arromessa-vos logo para o tempo da nossa esquecida infancia, e eis-vos novamente a sonhar com as maravilhas das Mil e uma noites; de novo os nossos compauleiros são príncipes, o vosso senhor é o Kallifá Harum Al Rachid, e os vossos servos terrificos gigantes, que voem com fumo e relampagos e trovões, e se vão como a tempestade quando partem!

## VIII

O que ha que ver em Smyrna—O martyrio Polycarpo—As sete igrejas—Restos das seis Smyrnas—Mysteriosa missa de ostras—Um bazaar de scenario de ostras—Uma tradição millitara—Uma via ferrea fora da sua vappera.

Informámo-nos o soubemos que o que havia que ver em Smyrna consistia nas ruínas da antiga cidadella, cujos desmantellados e prodigiosos lanços de muralhas mettem medo á cidade de um alto monte situado mesmo no extremo d'ella (o monte Pago das Escripturas, como elles lhe chamam); o local de uma das sete igrejas apocalyplicas que foi aqui estabelecida no primeiro seculo da era christi; e a sepultura e o lugar do martyrio do venerando Polycarpo, que padecou em Smyrna pela sua religião, ha de haver mil e oito centos annos.

Alguns uns burros pegones e partimos. Vimos o túmulo de Polycarpo e logo depois saímos-nos.

Seguem na lista as sete igrejas — d'esta abreviatura é que elles se serviam. Para lá fomos — cerca de milha e meio no sul abaxador — e visitámos uma pequena igreja grega, que, segundo se diz, foi edificada no antigo lugar; e pegámos uma pequena esportula, e o santo guarda deus a cada um de nós uma vela de cera, como remembrance do sitio, e ou metti no meu chapéo a minha, que o sol derretiu, vindo a cera toda a escorrer pelo meu pescoço abaxo; de sorte que só me resta agora o pavio, e não ha coisa mais triste que olhar para esse pavio.

Das nossas muitas sustentaram, tão bom quanto pu-

deram, que a «egreja» mencionada na Biblia significava uma reunião de christãos, e não um edificio; mas a Biblia fala d'ellos como muito desamparados — tão desamparados, pensava eu, e tão sujeitos á perseguição (sirva de exemplo o martyrio de Polycarpo) que em primeiro lugar não obtiveram provavelmente permissão para o edificio de uma igreja, e em segundo lugar não ousariam construí-la á clara luz do dia, se tal pudessem; e, finalmente, que, se tivessem obtido o privilegio de a erguerem, o sono comum lhes teria suggerido construyvemo-nos em qualquer lugar proximo da cidade. Porém, os mais antigos dos viajantes a bordo combateram o sombaram dos nossos argumentos. Todavia, receberam depois a paga. Reconheceram que tinham errado, e descobriram que o sitio preferido é a cidade.

Atravessando a cidade em carruagem pudemos ver vestigios das seis Smyrnas que houve aqui e foram consumidas pelo fogo ou derridas por terremotos. Os montes e as rochas foram partidos ao meio n'alguns pontos, as excavações patetisimas grandes blocos de pedra de construção que durante seculos tem estado enterrados, e todas as habitações mosqueinas e muros da moderna Smyrna pelo caminho adiante estão malhadados de branco com columnas e capitulos quebrados, e fragmentos de marmore esculpido que adornaram out'ora

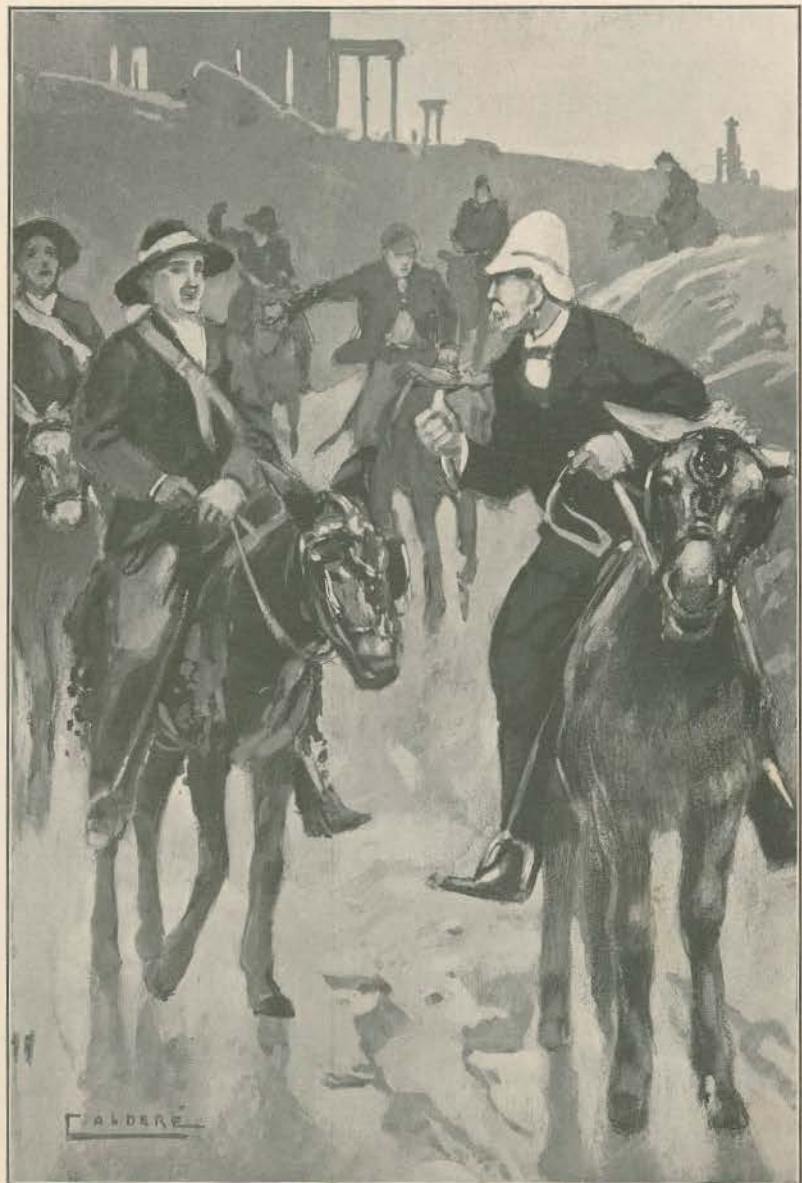
os nobres palacios que foram a gloria da cidade em tempos remotos.

A subida do monte da cidadella é muito ingreme, e nós fomos por elle um tanto devagar. Mas em torno de nós havia cousas que despertavam a attenção. N'um lugar, quinhentos pés acima do mar, a orla perpendicular sobre a parte superior da estrada era de dez ou quinze pés de altura, e o corte expunha tres veias de conchas de ostras, exactamente como se vissemos veias de quartzito exposto no corte de uma estrada na Nevada ou Montana. As veias tinham cerca de deutoito pollegadas de espessura, separadas por dois ou tres pés, e inclinavam-se por ali abaxo n'uma distancia de trinta pés ou mais e depois desapareciam no ponto em que o corte se unia á estrada. Só Denis sabe até que ponto um homem poderia seguir-lhes a pista «descobridor-ass».

Eram limpas, bellas conchas de ostras, grandes e taes e quaes como outras conchas de ostras. Estavam muito apertadas umas contra as outras, e nenhuma espalhada por cima ou por baixo das veias.

FOLHETIM N.º 9

(Continúa.)





SR. ANTONIO CARLOS COELHO  
VASCONCELLOS PORTO  
Engenheiro em chefe da construcção da linha de Sant'Anna a Ventas Novas

SR. MANOEL M. D'OLIVEIRA BELLO  
Engenheiro adjunto da construcção

SR. PAUL CHAPUY  
Engenheiro director geral da Companhia Real

SR. FELIX ALVES  
Chefe de divisão dos trabalhos

MR. MARIUS ANDWARD  
Engenheiro da casa Five Lilles, e instructor da ponte sobre o Tejo

## CHRONICA ELEGANTE

Começa a diminuir um pouco o enthusiasmo que ha alguns annos se accentuava pelas *toilettes* brancas e pretas tão distinctas e altamente elegantes; essa predilecção foi devida aos lutos das cõrtes de Italia, Austria e Inglaterra que todas as damas procuraram attenuar, sem, contudo, fugir ás praxes exigidas pela etiqueta; dahi surgiram modelos, innovações que percorreram gloriosamente os centros mundanos de toda a Europa e que as pessoas de bom gosto adoptaram com todo o fervor.

Mas, os lutos passaram, como tudo passa, e os olhos enfaticaram-se do repouso a que a brandura d'esses tons o condemnava, e



FIGURA 1

actualmente pretende-se fazer reviver os coloridos vibrantes, fortes e mesmo *hermantes*. Não é nosso intuito discutir o bom ou mau gosto d'esta moda; diremos, só-

mente, que no preto e branco, assim como em todos os tons attonados e pallidos não ha difficuldade de escolha, por serem geralmente *seguros*, enquanto na adopção de cores muito vivas é necessario o mais ajuizado criterio, mormente no nosso paiz, onde abundam os graciosos rostos de tez pallida e morena que não podem soffrer impunemente a aproximação do verde esmeralda, do *bleu de roy* (azulino), do *violet de que* (roxo avermelhado) e outras cores semelhantes.

De noite, com a luz artificial, com os attavos que marisam e adornam a *toilette*, e, sobretudo, com o vestido que colloca o rosto a distancia do rosto, ainda essas cores poderão não prejudicar a physiognomia; porém, de dia, a luz cria o falso e o falso do nosso bello sol, a visibilidade d'esses tons duros é inteiramente opposta ao que se chama *parcer bem*.



FIGURA 2

As *toilettes* de recepção, de jantar e baile continuam a ser um delicioso conjunto de sumptuosidade, elegancia e, diremos mesmo, de valor artistico; nos tecidos pesados de seda, velludo, brocado, adopta-se muito a forma *princesse*, tão apropriada ás estaturas elevadas e aos portes majestosos; as *toilettes* leves de tulle, gaze, mou-

seline e rendas guarnecem-se profusamente de franzidos, rufos, folhos, plissés; bordam-se a froco ou seda de varios matizes, entremeadas do fios de ouro e prata, perolas e brilhantes, medalhões *incrustés* de renda ou de seda pintada.

As flores constituem uma das mais lindas decorações dos vestidos de baile; collocam-se de todas as maneiras, sendo, porém, uma das mais modernas as pequenas cores de *roses pompon*, *églantines*, *margaridas* ou *myosotis*, que se põem ao *unso* sobre a saia e em volta do decote. As orquídeas e *chrysanthemos* formam ramos ou hastes que ornão só um lado do vestido e do corpo, cabindo graciosamente, acompanhadas de folhagem. Não é de rigor as flores serem da mesma cor da *toilette*; pelo contrario, é distinctissima a differença de colorido, procurando todavia que o conjunto seja harmonico.

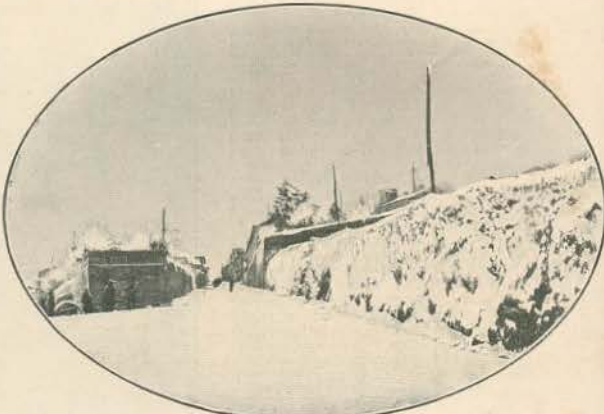
FIG. 1—*Toilette* de baile em tulle azul pallido *pointillé* de froco *mauve*, guarnecida de folhinhos de tulle dobrados de froco das mesmas cores e entremeados *incrustés* de renda com fios de ouro. Ramo e haste de orquídeas *mauve* ao lado esquerdo do decote.

FIG. 2—*Toilette* de recepção em velludo *mousseline rose* com franzidos e galões *crème bordados* a ouro.

FIG. 3—*Toilette* de passeio em panno verde pavão com galões do froco verde *chaméant* e botões no mesmo genero. Chapon de penas de pavão ornado de dois colibris.



FIGURA 3



UM NEVÃO NA GUARDA; A CATHEDRAL COBERTA DE NEVE—UM ASPECTO DA RUA D. LUIZ NO DIA DA NEVADA